



19 JUN 2025



TRADIÇÃO EM PLAYBACK

Nem só da cultura soteropolitana vive a Bahia. No São João, o interior vira destaque, mas fora da festa as tradições da nação cabocla e sertaneja são deixadas de lado num ciclo de descarte cultural. Págs. 2 e 3



Metropole estreia jornal com Casemiro Neto e inicia nova etapa do Programa de Bolsas para estudantes. Pág. 4



Bob Fernandes aponta estratégia de tornar depoimento de Bolsonaro no STF um "palanque digital". Pág. 6



Claudio Rabelo, Jessé Souza, Leandro Demori e Lídice da Mata são os entrevistados da Metropole. Pág. 7

Interior de aluguel

Entre o brilho dos LEDs e os milhões dos cachês, o São João baiano esquece quem acende a verdadeira fogueira da cultura popular

Texto **Laisa Gama**

laisa.gama@metro1.com.br

Todo mês de junho é igual na Bahia. Já nas primeiras semanas começa o fluxo migratório temporário: moradores de Salvador e Região Metropolitana pegam a estrada rumo ao interior do estado, vestindo roupas quadriculadas, botas de todos os tipos e um amor repentino pela vida rural. O São João chega e com ele uma encenação coletiva da identidade cabocla. Mas, fora do período junino, o interior é lembrado como protagonista e produtor de cultura ou fica só na figuração como abastecedor da capital?

UMA NAÇÃO DE CABOCLOS ESQUECIDA

Essa provocação não é de agora e ganha voz na análise de uma série de estudos. Um deles é o cantor, compositor e pesquisador Roberto Mendes, que denuncia: a Bahia está em desequilíbrio na representação de suas culturas. “Se o Estado entendesse que a Bahia Grande não se faz

só com a Nação Iorubaiana, mas também com a Nação Cabocla, talvez começasse a ser melhor representada dentro do Brasil”, afirma o artista, referindo-se às culturas do Recôncavo, Sertão e Agreste, frequentemente apagadas do discurso oficial sobre a identidade baiana.

HEGEMONIA PRAIANA

A “Bahia Cabocla” à qual ele se refere representa quase 60% de todo o estado e é a expressão viva dos povos do interior: uma mistura de saberes indígenas, sertanejos, religiosos e rurais que moldam festas, lendas, ritmos e modos de vida. Essa identidade, porém, tem sido colocada à margem por um discurso hegemônico centrado na herança afrodescendente de Salvador e do Recôncavo mais imediato. Não se trata aqui de uma comparação entre culturas e nem uma separação entre litoral e interior, mas da necessidade de reconhecimento e de uma representação mais plural da cultura baiana. “Afim, não tem como reduzi-la a uma coisa só”, pontua Roberto Mendes.



A FORÇA DO CAPITAL NA CAPITAL

Essa sobreposição da cultura soteropolitana tem, para Roberto Mendes, um gatilho: o capital da capital. É com vistas no retorno financeiro que as marcas e empresas investem 75% do seu potencial nas grandes cidades. É o retorno eleitoral e de visibilidade que faz com que os poderes públicos, administradores e legisladores tenham olhares mais atenciosos para as capitais. E quando a atenção se volta para o interior, como acontece no São João, o trabalho, aponta Roberto Mendes, não é de valorização e preservação da cultura, é de festa.



A Bahia Grande não se faz só com a Nação Iorubaiana, mas também com a Nação Cabocla

Roberto Mendes

Compositor e pesquisador

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Coordenação **Mariana Bamberg**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Daniela Gonzalez, Kamille Martinho, Laisa Gama e Luanda Costa**
Revisão **Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametrople.com.br
Rua Conde Pereira Carneiro, 226 - Pernambuês - CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



jota freitas/setur



tatiana azeviche/setur



O que vem de fora vale mais

Mesmo nos bastidores das festas, o desequilíbrio salta aos olhos. Por isso, vira e mexe, a discussão sobre a preservação da cultura do interior no São João se concentra na contratação de artistas. É reduzir uma discussão muito mais ampla, mas faz sentido. Neste ano, por exemplo, os maiores cachês, que beiram ou até ultrapassam a casa do milhão, ficaram com artistas do sertanejo (cultura do centro-oeste) ou do chamado forró estilizado. Wesley Safadão, Nattan, Zé Neto e Cristiano, Ana Castela, por exemplo, receberam mais de 800 mil reais por apresentação. Artistas tradicionais, como o forrozeiro Adelmário Coelho não enxergam problema na contratação de artistas de fora, mas cobram que eles não sejam maioria nas

grades. “Não dá para ser 80% das apresentações de ritmos importados e apenas 20% de forró e xote”. A decisão de perpetuar esse lado da cultura está, segundo ele, nas mãos dos gestores públicos.

O QUE VEM DE DENTRO VALE MENOS

Mas enquanto isso não acontece, mestres populares ensinam de graça, grupos de reisado ensaiam em terreiros de barro, sanfoneiros consertam o próprio instrumento porque não têm patrocínio nem apoio, quadrilhas juninas pedem ajuda em vaquinhas online. Em cidades do Recôncavo e do sertão baiano, grupos tradicionais não recebem sequer o custeio do transporte.

A cultura vira cenografia

Chapéu de palha, toalhas de chita e em muitos lugares até casinhas de barro decorando a cidade. A cultura local virou recurso cênico. Professor de História aposentado na Universidade Federal da Bahia, Milton Moura faz questão de lembrar que o São João não é apenas uma festa do interior, é uma representação do meio da roça, uma festa regada a amendoim, milho e seus mais de 20 pratos típicos, acompanhados do licor e da cachaça - bebidas escolhidas porque não havia geladeira para resfriar a cerveja.

DENTE PRETO E REMENDOS

Mas essa realidade passa longe das festas juninas que ganham destaque uma vez no ano. E não só passam longe, como são deturpadas. Toda essa caracterização, disseminada com discursos temporários de “I Love roça”, é muito mais uma caricatura e até ridicularização. “Pode perguntar a qualquer pessoa da roça se ela usa roupas remendadas para as festas, elas gostam de roupa nova. É uma tentativa de representar essa população como tabaréu. Coloca-se até uma manchinha no dente, brincadeira cruel”, afirma o professor de História. Para o professor Milton Moura, essa representação vem também da tirania da cidade, que desvaloriza o trabalho braçal e da terra - ele só é válido quando relacionado aos cifrões da agroindústria. Enquanto isso, pontua o historiador, trabalhadores da terra no sul do país não são ridicularizados, são glorificados.

FESTA NÃO É FOLCLORE

A dinâmica é clara: a capital consome o que o interior produz. A comida típica, os ritmos tradicionais e o espaço físico da festa. Mas as estruturas de incentivo cultural, as verbas, os editais e a visibilidade seguem concentrados em Salvador e nos circuitos artísticos consagrados. Na mídia, a cultura soteropolitana segue representando toda uma Bahia. E se antes o São João era momento de protagonismo da nação cabocla baiana, agora aparece apenas em peça decorativa entre shows de pirotecnia e playlists padronizadas. É o mesmo som em todas as cidades, como se a Bahia tivesse esquecido seu sotaque. A fogueira virou LED. A sanfona virou playback. A memória virou produto. Em vez de tradição, o que se vende é entretenimento genérico.

Com caras novas

Fiel à sua inquietação, Metropole estreia Jornal da Cidade com Casemiro Neto e inicia nova etapa do Programa de Bolsa para estudantes de comunicação

Texto **Daniela Gonzalez**

daniela.gonzalez@metro1.com.br

O horário das 17h às 19h na *radinha* está de cara nova. Nem tão nova porque o baiano já conhece ele e já sabe também o estilo **Metropole** de ser. Quem comanda agora o **Jornal da Cidade** é o jornalista Casemiro Neto, que estreou na casa na última segunda-feira (16).

Logo no primeiro programa, Casé, para os íntimos, recebeu o prefeito de Salvador, Bruno Reis, e conduziu uma entrevista com a cordialidade que lhe é característica, mas também com perguntas afiadas e tom direto — marcas registradas do jornalista. A estreia foi acompanhada por uma enxurrada de mensagens de boas vindas dos ouvintes e uma audiência expressiva, consolidando o sucesso já no primeiro dia.

Depois de passagens marcantes pela TV Bahia e pela TV Aratu, Casemiro chega

à rádio com fôlego renovado e uma proposta de jornalismo interativo, com participação popular, prestação de serviço e quadros voltados para política, cidadania e cultura. “Quero fazer um programa com seriedade, com minha marca. Informar com leveza, quando necessária, sem perder a força da crítica. Acima de tudo, abrir espaço para a participação popular, que é uma das marcas da **Metropole**. Ou seja, quem vai mandar no programa também é o ouvinte, de forma democrática, sem censura, ouvindo todos os lados da notícia”, afirmou o apresentador.

A estreia também marcou a inauguração do novo estúdio da **Metropole**, uma estrutura moderna e interativa, com telão e recursos que integram rádio e vídeo. A proposta é transformar a experiência do ouvinte, tanto no dial **101.3 FM** quanto no YouTube do portal **Metro1**, usando uma linguagem que une informação, dinamismo e inovação.

Quero fazer um programa com seriedade, com minha marca. Informar com leveza, quando necessária, sem perder a força da crítica

Casemiro Neto
Jornalista



“Foco, força e radinha!”

Outras novas carinhas também são esperadas na **Metropole**. O **Programa de Bolsas em Comunicação da Metropole** está a todo vapor e chega à sua segunda etapa. Depois de quase cem inscrições, dez candidatos foram selecionados para a próxima fase que vai escolher cinco novos estagiários para embarcar na rotina intensa — e apaixonante — da *radinha*.

Agora é hora da prática: os selecionados vão encarar uma simulação de nota jornalística, gravação para redes sociais e uma reunião de pauta como gente grande, sugerindo ideias para rádio, jornal e portal. Tudo isso ao vivo e a cores na redação da Metropole, nos dias 26 de junho e 3 de julho.

Ao final, os selecionados vão garantir uma experiência de seis meses (com chance de renovação!) com treinamento e produção de conteúdo para o **Jornal Metropole**, portal **Metro1**, redes sociais e, claro, para o rádio. Tudo isso lado a lado com profissionais de todas as áreas do grupo. Se você é um dos dez, respira fundo e prepara a pauta — porque a segunda fase está batendo na porta. E se você ficou de fora, fica ligado: a radinha sempre tem novidades no radar.

+3.000
moradias

ENTREGUES

E vêm aí
+400 novas
moradias

no Novo
Mané Dendê

A Prefs já fez muito e continua fazendo muito mais. Além das novas moradias pra cuidar de quem mais precisa, a cidade ganhou 500 campos e quadras e vem aí a Arena Multiúso para a galera do esporte. Na área da saúde, já foram entregues 3 hospitais municipais e o 4º tá chegando com a Nova Maternidade. O trabalho não para, assim como a vontade de mudar a vida da nossa gente.



SALVADOR
PREFEITURA

#pratodosverem: Anúncio com fundo em tons de laranja, verde e roxo. Na parte superior, o texto em destaque: “+3.000 moradias ENTREGUES”. À direita, dentro de um círculo roxo, o texto: “E vêm aí +400 novas moradias no Novo Mané Dendê”. No centro, uma mulher sorridente, com cabelo crespo e blusa branca. Ao fundo, imagem de um conjunto habitacional. Na parte inferior, texto sobre o trabalho da Prefeitura. No rodapé, a marca da Prefeitura de Salvador.



Julgamento de cortes

Bob Fernandes

Jornalista

Jair Bolsonaro ficou pela primeira vez frente a frente com o ministro Alexandre de Moraes no Supremo Tribunal Federal (STF) na última semana. Personagem importante, Moraes surge como uma representação de tal relevância na política após investigar uma ação de um hacker contra a esposa do ex-presidente da República Michel Temer. Ciente da linguagem digital, ele chega ao Supremo consciente do poder das mídias e, por isso, proibiu o Bolsonaro de usar 12 vídeos durante o depoimento sobre a ação de tentativa de golpe de Estado que ocorreu na terça-feira (10).

Mesmo proibido de divulgar os vídeos da audiência, Bolsonaro passou o tempo todo falando para suas redes, gravando cortes, como se estivesse em um palanque digital. Tudo ali foi monta-

do para virar corte.

Ele transformou um julgamento em conteúdo para YouTube e Instagram. Essas plataformas são braços de construção de poder não só no Brasil, mas no mundo todo, porque atribuem seus movimentos cada vez mais ao desejo do usuário, que é moldado exatamente pelo que é impulsionada como lucrativo para as empresas.

O general Freire Gomes e o ex-ajudante de ordens Mauro Cid revelaram, também em depoimentos, que setores das Forças Armadas estavam informados e até envolvidos nas articulações golpistas, sugerindo que a comunicação digital também servia como coordenação interna. No interrogatório de Cid, entre as coisas mais reveladoras que eu ouvi, foi que as manifestações diante dos

quartéis tiveram primeiro o apoio tácito dos comandantes. Os manifestantes pediam ditadura, AI-5, intervenção militar, e os comandantes deram apoio.

As cúpulas sabiam de tudo. Não agiram ou não informaram ao governo futuro sobre o plano de golpe porque não quiseram. E o mais assustador é que tudo isso é feito diante do público, das crianças, dos jovens que assistem pelo celular. Isso educa para a barbárie, normaliza o absurdo. E os que deveriam conter, como o presidente da Câmara, simplesmente assistem.

** A análise foi feita pelo jornalista no programa Três Pontos, da Rádio Metropole, transmitido ao meio-dia às quintas-feiras*

Bolsonaro passou o tempo todo no STF falando para as redes, como se estivesse em um palanque digital

As redes sociais são braços de uma construção de poder não só no Brasil, mas no mundo todo

ARTIGO



METROPOLE

três pontos

com Mário Kertész,
Janio de Freitas,
Bob Fernandes e
Sérgio Augusto

Todas as quintas ao meio-dia
Na Rádio e no Youtube.com/PortalMetro1
Reprise as sextas - 19h

ENTREVISTA

Leandro Demori

JORNALISTA



A cobertura no Brasil do conflito Israel x Irã é desbalanceada, nos grandes veículos é uma vergonha. Já começa chamando o Irã de regime e Netanyahu de governo

Jornal da Metropole no Ar

ENTREVISTA

Claudio Rabelo

PROFESSOR E ESCRITOR



Quem pratica o humor livre não entende que pode ser um hospedeiro de discurso de crime. O palco não pode ser usado para naturalizar crimes, como se fosse uma aula de como fazer

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTAS

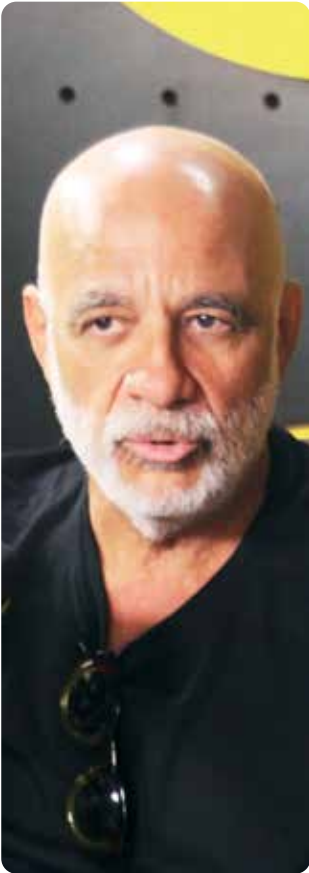


METROPOLE

ENTREVISTA

Jessé Souza

ESCRITOR E SOCIÓLOGO



O Congresso sempre foi a expressão da pior parte da nossa elite. Em condições normais, ele serve para sufocar a democracia e a discussão sobre qualquer projeto alternativo de país

Jornal da Bahia no Ar

ENTREVISTA

Lídice da Mata

DEPUTADA FEDERAL (PSB)



A sensação de ser mulher na Câmara dos Deputados é que o desrespeito sempre está na porta [...] as falas contra a ministra Marina Silva, por exemplo, são expressões que deixam claro o desrespeito

Jornal da Cidade



MAIOR QUE A FESTA, SÓ O NOSSO AMOR!

**PREPARE O CORAÇÃO QUE VEM AÍ
UM SÃO JOÃO DO JEITO QUE VOCÊ AMA.**

SHOWS COM GRANDES ARTISTAS NACIONAIS

7 DIAS DE FESTA NA CAPITAL

AÇÕES DE SOLIDARIEDADE COM O PROGRAMA BAHIA SEM FOME

SEGURANÇA REFORÇADA

EQUIPES DE SAÚDE E PRIMEIROS SOCORROS

ACESSIBILIDADE EM RAMPAS, PLATAFORMAS E NO PALCO

**PARQUE DE EXPOSIÇÕES
18 A 23 DE JUNHO**

**PELOURINHO
19 A 24 DE JUNHO**

**PARIPE
21 A 23 DE JUNHO**

ENTRADA GRATUITA

Acesse a programação completa: saojoaodabahia.ba.gov.br



Bahia pela
PAZ



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
GOVERNO PRESENTE FUTURO PRA GENTE



Os prefeitos no bunker

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e articulista da Rádio Metropole

Num cenário que embora trágico tinha todo potencial para se tornar meme, uma comitiva de prefeitos, vice-prefeitos e secretários municipais de repente se viu encurralada em um bunker em Tel Aviv, Israel, quando eclodiu a guerra do país contra o Irã. Parecia humor de ficção quando, do nada, brotavam prefeitos brasileiros aprisionados dando sucessivas entrevistas a emissoras de televisão no Brasil. Os memes traduziam melhor o surrealismo da coisa: “O que o prefeito de Santarém está fazendo em um bunker em Israel?”.

O grupo de gênios achou por bem aceitar um convite do lobby e da propaganda de guerra do governo israelense para conhecer tecnologias de segurança pública. Não, não eram governadores, a quem cabe a atribuição da segurança pública. Eram prefeitos, muitos de cidades do interior do Brasil, que resolveram ignorar os alertas quanto ao risco de viajar para uma região sob tensão.

Imaginemos o quanto a gestão pública de Divinópolis, interior de Minas Gerais, poderia trazer, na volta, estratégias de tecnologia israelense para garantir a segurança da população local, não é mesmo? Porta dos Fundos nunca pensaria num esquete desse naipe.

Viajaram por livre e espontânea vontade de aceitar um mimo-publi para um evento de turismo de lobby, mas, ao se verem embaixo de mísseis iranianos em Tel Aviv, queriam porque queriam que o Itamaraty enviasse um avião para retirá-los de lá.

CARONA DE MERSINHO

E haja entrevista do prefeito de Macaé na cobertura infinita da Globo News sobre o conflito. Um dos melhores comparava os expedicionários incidentais na guerra alheia aos cinco milionários que embarcaram num submarino, em junho de 2023, numa expedição que os levaria aos destroços do Titanic. Todos morreram, sob a pressão da água a cerca de 3.350 metros de profundidade.

O resto já se sabe: em vez de trocarem experiências sobre tecnologias de ponta para aplicar na praça da matriz, os prefeitos foram parar num bunker, sendo obrigados a se virar e sair por terra de Israel até a Jordânia, de onde o rico dinheiro do deputado Mersinho Lucena, filho do prefeito de João Pessoa, Cícero Lucena, foi buscá-lo num avião fretado. Generoso, deu carona para todo mundo.

O grupo de gênios achou por bem aceitar um convite do lobby e da propaganda de guerra do governo israelense para conhecer tecnologias de segurança pública



45 anos.
A soma das
nossas histórias.

Aos 45 anos, somos a soma das
nossas histórias. A história de quem
nos sonhou primeiro, de quem nos
escolhe para cuidar da saúde, de
quem nos escolhe para caminhar
profissionalmente e de cada
unidade que trouxe sua experiência,
desafios e personalidade ao longo
do caminho.
Por isso, só temos a dizer: obrigada.

Resp. Técnico: Dr. Felipe Ligorio - CRM-MG 58578



Pelo QR Code acesse
nosso site comemorativo:

www.materdei45anos.com.br

MaterDei
Rede de Saúde

45
ANOS

com você,
por toda
a vida.

Depois de quinze tentativas frustradas, antiga sede dos Correios na Pituba recebe propostas em novo leilão

De olho no lance

CIDADE

Texto **Luanda Costa**

luanda.costa@radiometropole.com.br

Foram 15 bolas na trave, mas desta vez um gol pode ter sido marcado no caso envolvendo o leilão da antiga sede dos Correios, no bairro da Pituba. O terreno de quase 35 mil metros quadrados em uma das áreas mais valorizadas da cidade foi a leilão pela 16ª vez e agora, diferente das outras oportunidades, houve interessados, mas a estatal ainda tenta negociar.

CHUTE FORA DA ÁREA

O gol está sob análise do chamado VAR porque as três propostas recebidas tive-

ram lances inferiores aos R\$109 milhões definidos como valor mínimo para o prédio. Por isso, os Correios tentam negociar com a empresa dona do maior lance.

Esses R\$109 milhões não chegam nem à metade do lance mínimo inicial definido em 2018, logo após o fechamento da sede. À época, a estatal pedia um valor inicial de R\$ 248 milhões. Não se aproxima também da média de valor do metro quadrado daquela região. Com base na estimativa do Índice FipeZAP de Venda e Locação Comercial, feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, entre abril de 2024 e 2025, o preço deveria ser cerca de R\$190 milhões - levando em conta a média de R\$5.426 por metro quadrado no bairro.

Mexendo no time

Os Correios justificam que a venda deste e outros imóveis ocorre quando estão “ociosos ou subutilizados” e “não estão agregando valor aos negócios da estatal”. “As alienações têm o objetivo de racionalizar despesas e arrecadar recursos para investimentos”, disse em nota.

A estrutura da antiga da sede dos Correios abarca 20 pavimentos de edifício empresarial, quatro andares de edificação anexa, auditório e restaurante, além de três portarias, estacionamentos e pátios de manobras. Fontes ligadas ao mercado imobiliário acreditam que, apesar do endereço cobiçado, o prédio já foi a leilão tantas vezes e ainda não foi vendido porque o valor não está de acordo com o nível do imóvel, principalmente quando somado o preço de compra com o investimento que precisaria ser feito para recuperá-lo.

Seria um investimento muito grande para um retorno que só aconteceria a longo prazo, avaliam. Mas os sucessivos cortes no lance inicial parecem finalmente ter movimentado os interessados.

marcelle bittencourt/metropress



METROPOLE

**É São João.
É da Bahia.
É na Macaco.**



18 a 23 JUN

**AO VIVO NO
YOUTUBE**

 **/macacogordo**

Bahia pela
PAZ



GOVERNO DO ESTADO
BAHIA
GOVERNO PRESENTE FUTURO PRA GENTE





Da Guerra de Facção à Guerra de Espadas à Guerra de Israel

James Martins

O compositor Wilson Aragão, que nos deixou há menos de um mês, não planejou apenas um sítio no sertão de Piritiba. Não, ele semeou também versos de grande sabedoria na música “Guerra de Facção”. Versos que me vieram à cabeça assim que eu soube do início da guerra entre Israel e Irã. Não bastassem o infindável conflito em Gaza envolvendo o mesmo Israel, a peleja entre Rússia e Ucrânia e tudo o mais, incluindo as guerras de facções destruindo as vidas das periferias do Brasil inteiro, entramos em mais um capítulo desses que fazem as manchetes especularem (não sabemos se sábia ou bobamente) pelo desabrochar da Terceira Guerra Mundial. Armas de destruição em massa estão virando bombinhas de São João. E, inclusive, o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, declarou em vídeo publicado nas redes sociais que o objetivo dos recentes ataques ao Irã é “frustrar a ameaça nuclear e de mísseis balísticos do

regime islâmico contra nós”.

Voltando a Wilson Aragão: “Num sei se tô errado, mas arrisco meu parpito / de acabá com as bomba atomba, incoivará os rifle / Tocá fogo em toda tenda qui é de fábrica canhão / Morre muitocho menas gente, se a guerra fô de facção”. Alguém contesta essa verdade absoluta? Aliás, sempre que ouço falar em guerra e em mortes de civis, penso que os conflitos deveriam ser protagonizados exclusivamente pelos chefes de estado, num ringue, e quem sair vivo ganha. Junto às notícias do Oriente Médio, recebo no direct do Instagram, a mensagem de um desconhecido pedindo meu apoio à causa das guerras de espada — “uma tradição junina injustamente proibida”, argumenta. Confesso que não sei detalhes, mas me parece muito significativo que a gente venha proibindo toda ludicidade em torno da violência ao mesmo tempo que as violências mais absurdas e brutais se es-

palham como rastilho de pólvora.

No Carnaval, estão proibidas as pistolas d’água. No São João, as guerras de espada. Estamos cada vez mais longe da guerra de facção do poeta Aragão e cada vez mais perto de queimarmos todos juntos no caldeirão do cramulhão.

Parece muito significativo que a gente venha proibindo toda ludicidade em torno da violência ao mesmo tempo que as violências brutais se espalham



reprodução/redes sociais



Coordenadora **Kamille Martinho**
kamille.martinho@metro1.com.br

Pegue a visão

Chegou a melhor parte do jornal: nossa editoria de dicas! Aproveite porque, se depender das indicações, não sei se estaremos aqui na próxima edição

Nega Lôra

Hoje fazem 4 anos que sigo me perguntando como é que consegui me casar com minha esposa. Porque se fizer as contas certinho, não mereço nem 3% do que ela é. Sigo torcendo pra ela nunca desconfiar que tinha potencial pra conseguir coisa muito melhor.

Só os loucos sabem

Minha filha está aprendendo sobre rimas na escola e toda hora fica perguntando qual palavra rima com qual e toda hora ela me pergunta o que rima com pipoca. Ser mãe exige muito autocontrole.

Vlad

Precisamos urgentemente criar outro nome pro mês de Junho e Julho. Não aguento que nessa época é sempre esse diálogo:

- Vai ser 17 de junho.
- JuLHO?
- Não, JuNHO.
- Lho ou Nho?
- NHO!
- Nho?
- É.

Marley

Fui perguntar pra um senhor em inglês se ele era aposentado. Queria dizer retired. Falei com toda a confiança do mundo: "Are you retarded?". Queria ser simpático... acabei cometendo um crime.

Fausto Silva

Duas vezes por semana eu dou uns 5 tiros pra cima nos fundos de casa para manter os aluguéis baratos aqui no bairro.

Guto

Vou batizar minha afilhada na igreja mas, por não ser batizada, vou ter que me batizar também. Aí o padre disse que tenho que arranjar uns padrinhos, mas os que eu quero também não são batizados e teriam que se batizar. O que era pra ser um batizado virou um grande esquema de pirâmide.

Kamille

Falei pra moça que meu nome era "Kamille com 2 L's" e ela escreveu "Kamille Condoisélle". Deixei quieto pois achei chique. Francês.

Lacerda

A gente não é rico, mas planeja cada viagem que Deus até se orgulha da nossa fé.

Lindinalva

5 coisas que toda criança precisa ouvir:

- 1- Você me dá orgulho!
- 2- Eu te amo!
- 3- Você é incrível!
- 4- Você é importante!
- 5- Uma Economia que não se preocupa com a justiça social é uma economia que condena os povos, e é o que está acontecendo no mundo inteiro: uma brutal concentração de renda, de desemprego e de miséria. Se não se preocupa com a justiça social, com quem paga essa conta toda, você não é um economista sério, você é um tecnocrata.



QUER OBRA? RECEEEBA!

O GOVERNO DO ESTADO ESTÁ REALIZANDO OBRAS E AÇÕES QUE ESTÃO TRANSFORMANDO A VIDA DE QUEM MORA NA NOSSA CAPITAL.

AS OBRAS DO VLT AVANÇAM RÁPIDO

UM TRANSPORTE PÚBLICO QUE
VAI LIGAR TODA SALVADOR

MAIS DE 170 NOVAS ESCOLAS

EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL
PARA OS JOVENS DE TODA A BAHIA

NOVO RESIDENCIAL VILA NOVA ESPERANÇA

MORADIA DIGNA PARA AS
FAMÍLIAS DO CENTRO HISTÓRICO

NOVO HOSPITAL MONT SERRAT

PRIMEIRO HOSPITAL PÚBLICO
DE CUIDADOS PALIATIVOS DO PAÍS

HOSPITAL ORTOPÉDICO DO ESTADO

O MAIOR HOSPITAL ORTOPÉDICO
PÚBLICO DO BRASIL

BAHIA SEM FOME

1 MILHÃO DE PESSOAS
SAÍRAM DO MAPA DA FOME

GOVERNO DO ESTADO PRESENTE TRABALHA PRA GENTE

GOVERNO DO ESTADO
BAHIA